

O INCONSCIENTE URBANO

Esteban Dominguez

A definição ou descoberta do inconsciente por S. Freud, a decisiva ferida narcisista, lança luzes em todos os campos do conhecimento.

A partir dela foi possível ouvirmos falar termos como neurose ou inconsciente, narcisismo ou psicose, eros ou tãatos, aplicados em outras áreas do conhecimento. O inconsciente permeia a ação humana e também têm efeito na cultura possibilitando leituras de outras áreas do conhecimento. A partir do uso de conceituação e hierarquias psicanalíticas é perfeitamente viável e produtiva este tipo de análise. Pode ser tão viável para os sistemas culturais como o é para os indivíduos.

Com a ciência das cidades, o Urbanismo, também vem acontecendo uma cada vez mais freqüente abordagem que cada dia mais agrega a psicanálise e a semiótica, não somente como elementos constitutivos de uma abordagem multidisciplinar, ou componentes de uma síntese, mas como ferramentas que procuram onde os outros não procuraram, que lêem a realidade a partir de um produto simbólico, resultado da ação humana inconsciente, rastreada nos indícios de sua materialidade ou das suas especializações.

Em *Semiótica e Filosofia da Linguagem* Umberto Eco aponta para a constituição semiótica da filosofia principalmente da filosofia da linguagem, ao indicar a possibilidade de *"estabelecer categorias gerais à luz das quais sistemas diferentes possam ser comparados"*. *Para a semiótica geral, diz ECO "Há pelo menos dois caminhos. Um é o que tem sido tradicionalmente trilhado pelas filosofias da linguagem a tentativa de deduzir, de alguma forma, um sistema da semiótica, ou seja, a construção de uma filosofia do homem como animal simbólico"*.

Para nós, é um indicador de que o território é fértil e promissor.

O universo relacional é simbólico, parte de nossa estrutura psíquica é simbólica. O espaço simbólico é um espaço interpretativo. Ele é passível de estruturas que o leiam. É no espaço, e mais especificamente para nós, no espaço urbano; onde queremos lançar sementes que materializem simbolicamente aquilo que ocorre para

além do universo do uso e apropriação do espaço urbano. Para além do territorial, uma vez que os contornos físicos quase sempre escapam à consciência ou à imaginação.

Estudando os desenhos e as entrevistas individuais, tornou-se evidente que nenhum dos interrogados tinha uma imagem clara da cidade em que tinham vivido tantos anos. Os mapas eram normalmente fragmentados, com grandes áreas em branco, concentrando-se quase sempre em pequenas regiões residenciais. (...) Quando se pedia uma característica geral da cidade, uma das observações mais comuns era o fato de esta não existir como um todo, não possuir um centro, mas, sim, aparecer como a colocação de muitos lugarejos (LYNCH, 1970:38).

A colagem em que se transforma a representação da cidade para o indivíduo inclui a experiência dinâmica do “*flaneur pedestre*” e do “*flaneur automotivo*”. Assim a apreensão do espaço se dá em diferentes níveis, com diferentes simbolizações e significações,

Podemos construir um sistema simbólico que analise o urbano como um corpo inconsciente não uma somatória- e a partir de seus sintomas, construir um recondicionamento que procure subverter as atuais tendências destruidoras, nitidamente originadas nas condições essenciais do sistema econômico capitalista ou de mercado, fonte do preconceito e da segregação espacial?

Quais elementos usar nessa empreita? Que ferramentas analíticas dão conta da complexidade moderna que liga o sujeito a diferentes espaços e temporalidades nas quais o discurso ideológico dominante parece traçar todos os caminhos possíveis?

O espaço como condição

O espaço é condição para a existência logicamente, mas a materialidade não. Há estruturas que não possuem visibilidade, mas existem e é nelas onde são realizadas trocas e interações sociais, psíquicas, urbanas, históricas, afetivas etc. O inconsciente de alguma maneira está envolvido nisso. *O alcance do espaço construído vai bem além de suas estruturas visíveis e funcionais. São essencialmente máquinas, máquinas de sentido, de sensação, (...) que podem trabalhar tanto no sentido de um esmagamento uniformizador quanto no de uma resingularização libertadora de subjetividades individual e coletiva (GUATTARI, 1993:158).*

As resultantes espaciais decorrentes da ação humana reproduziam até o século XIX o que a história entende como **“espírito da época”**. Uma forma de plasmar as idéias dominantes nos sistemas culturais. Poderíamos pensar então que as pirâmides seriam a decorrência de um sistema de crenças, e sua espacialidade é resultado de um espírito religioso que prevaleceu durante milênios - na infância da humanidade - e o seu desejo de eternidade. (É inegável que até o momento tem conseguido a imortalidade, elas continuam apresentando seus feitos ao mundo). Parece que as areias do deserto estéril engendraram um filho imortal. Faraônico é um termo do qual nos apropriamos com facilidade pela pertinência em definir o fausto, o grandioso. Aquilo que é apenas imaginável e é imaginável graças aos Faraós.

Na velha Europa, as diferenças na arquitetura (entendida aqui como produção de espaço para uso pela cultura humana,) entre as catedrais românicas e góticas, por exemplo, refletem uma mudança de concepção (ou operacionalização) da religião. Um claro indicador de estratégia subjacente à concepção do espaço produzido, induzido pela crescente importância e poder da igreja cristã. O espírito religioso.

A arquitetura proto-cristã e românica, nos seus efeitos espaciais, ainda não parecem ter introjetado a idéia de poder para a produção do espaço, já o gótico nos coloca um deus em cada efeito pensado, dos vitrais, às naves, dos arcos ogivais aos contrafortes. As altas abóbadas orientavam o olhar para cima, para o espaço, onde estaria deus. Como aponta G. Duby a arte das catedrais “se instala no sobrenatural”. E o desejo de deus pode ser sentido na emoção do fiel com a arquitetura, com os efeitos do espaço sobre seu sistema de crenças. A luta pelo simbólico termina lançada dentro do indivíduo, onde aninha e fertiliza. Sabemos que algumas impressões não podem ser esquecidas. O espaço é potencial tradutor da materialidade social, do espírito da época.

Os conflitos pelo espaço são muitas vezes conflitos de classe e nesse ponto é interessante ressaltar uma componente de preconceito espacial ou de hierarquias espaciais, operado pela segregação urbana, indicadas por autores como R. Rolnik e H. Maricato, para o caso brasileiro.

[O Espaço] é uma localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O

espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. (...) num plano individual, por exemplo, ele não só representa o local onde ocorrem os eventos (a função de receptáculo), mas também significa a permissão social de engajar-se nestes eventos (a função da ordem social). (...) Além disso, o espaço possui múltiplas propriedades num plano estrutural. É ao mesmo tempo um meio de produção como terra e parte das forças sociais de produção como espaço. (...) é um objeto de consumo, um instrumento político, e um elemento na luta de classes. (GOTTDIENER, 1993: 127).

A segunda metade do século XX verá uma aceleração da urbanização até antes nunca imaginada nem projetada. À expansão territorial inicial segue a economia de aglomeração e o espaço se comprime. Em 50 anos já sentimos falta de espaço, quem o ocupou? Agora procura-se organizar o caos.

Consideradas entidades vivas, ativas, caóticas, voláteis e efêmeras, as cidades e o espaço contemporâneo são constantemente comparados a formas naturais e corpos (schweggmann, 2001). É interessante notar esta evolução metafórica do modernismo ao pós-modernismo, quando o espaço e a cidade evoluíram da comparação com máquinas para serem comparados com a mutante natureza dos corpos. (FIRMINO 2004: pg 4)

Corpos possuem consciência corporal, se humanos, algo como uma alma ou espírito. E um inconsciente provavelmente.

O Mal estar como sintoma

O texto de S. Freud “El mal estar em La Cultura” de 1929-1930, apresenta uma curiosidade se lido à luz destas breves idéias, apontando para o fim da nossa colocação.

Numa passagem em especial onde Freud, procura nos esclarecer a dificuldade de materialização da idéia de inconsciente, aponta-nos que, como na vida física, no ambiente psíquico nada se perde, de alguma forma se armazena e se transforma:

Tocamos aquí el problema general de la conservación en lo psíquico, problema apenas elaborado hasta ahora, pero tan seductor e importante que podemos concederle nuestra atención por un momento, pese a que la oportunidad no parezca muy justificada.

Habiendo superado la concepción errónea de que el olvido, tan corriente para nosotros, significa la destrucción o aniquilación del resto mnemónico, nos inclinamos a la concepción contraria de que en la vida psíquica nada de lo una vez formado puede desaparecer jamás; todo se conserva de alguna manera y puede volver a surgir en circunstancias favorables, como, por ejemplo, mediante una regresión de suficiente profundidad.

Automaticamente a associação com o devir urbano é feita por nós. Poderíamos invocar o Flaneur de Benjamin para nos guiar pela superposição de histórias nos becos da cidade e nos prédios mais antigos. Ou a Edgar Allan Poe para ressuscitar as vidas perdidas e assombrar o presente.

Foi o que Freud fez na tentativa, como escritor, de resolver um pequeno problema: o da materialização de uma estrutura invisível como o inconsciente, que além de representar aquilo que não é, na definição do autor, também e por consequência é aquilo que não está. Vejamos que mesmo a definição ser daquilo que não é, possui materialidade no sintoma, no corpo, isso permitiu a criação de um sistema interpretativo de grande acuidade. O inconsciente então resultara ser uma estrutura invisível, que nenhuma construção teórico-prática anteriormente pudera ler. Eram necessários óculos especiais. Como o átomo intuía-se sua existência, mas não a sua estrutura e funcionamento.

Para descrever esta estrutura invisível e a dificuldade de concepção de seu formato ou estrutura S. Freud recorre a uma metáfora espacial, relativa ao urbano.

Tratemos de representarnos lo que esta hipótesis significa mediante una comparación que nos llevará a otro terreno. Tomemos como ejemplo la evolución de la Ciudad Eterna. Los historiadores nos enseñan que el más antiguo recinto urbano fue la Roma quadrata, una población empalizada en el monte Palatino. A esta primera fase siguió la del Septimontium, fusión de las poblaciones situadas en las distintas colinas; más tarde apareció la ciudad cercada por el muro de Servio Tulio, y aún más recientemente, luego de todas las transformaciones de la República y del Primer Imperio, el recinto que el emperador Aureliano rodeó con sus murallas. No hemos de perseguir más lejos las modificaciones que sufrió la ciudad, preguntándonos, en cambio, qué restos de esas fases pasadas hallará aún en la Roma actual un turista al cual suponemos dotado de los más completos conocimientos históricos y topográficos. Verá el muro aureliano casi intacto, salvo algunas brechas. En ciertos lugares podrá hallar trozos del muro serviano, puestos al descubierto por las

excavaciones. Provisto de conocimientos suficientes -superiores a los de la arqueología moderna-, quizá podría trazar en el cuadro urbano actual todo el curso de este muro y el contorno de la Roma quadrata; pero de las construcciones que otrora colmaron ese antiguo recinto no encontrará nada o tan sólo escasos restos, pues aquéllas han desaparecido. Aun dotado del mejor conocimiento de la Roma republicana, sólo podría señalar la ubicación de los templos y edificios públicos de esa época. Hoy, estos lugares están ocupados por ruinas, pero ni siquiera por las ruinas auténticas de aquellos monumentos, sino por las de reconstrucciones posteriores, ejecutadas después de incendios y demoliciones. Casi no es necesario agregar que todos estos restos de la Roma antigua aparecen esparcidos en el laberinto de una metrópoli edificada en los últimos siglos del Renacimiento. Su suelo y sus construcciones modernas seguramente ocultan aún numerosas reliquias. Tal es la forma de conservación de lo pasado que ofrecen los lugares históricos como Roma.

Freud procura mostrar ao leitor uma superposição que somente é materializável como construção mental espacializada, o real é apenas o que se vê, Roma existe, bem como suas ruínas, mas o fim de sua dimensão humana não lhe permite mais “ser”, e o espaço lhe permite estar. As diferentes épocas da Roma original são somente abordadas a partir de seu produto simbólico, da sua cultura, em cima da qual construímos nosso conhecimento de Roma, que por sinal não é completo, mas certamente consistente. As diferentes etapas da cidade como um todo, podem somente ser imaginadas e reconstruídas cada uma em seu contexto.

Recorrer ao mundo urbano romano além de ilustrativo é simbólico, e permite enlaçar o espaço-tempo e tempo histórico.

Supongamos ahora, a manera de fantasía, que Roma no fuese un lugar de habitación humana, sino un ente psíquico con un pasado no menos rico y prolongado, en el cual no hubieren desaparecido nada de lo que alguna vez existió y donde junto a la última fase evolutiva subsistieran todas las anteriores. Aplicado a Roma, esto significaría que en el Palatino habrían de levantarse aún, en todo su porte primitivo, los palacios imperiales y el Septizonium de Septimio Severo; que las almenas del Castel Sant'Angelo todavía estuvieran coronadas por las bellas estatuas que las adornaron antes del sitio por los godos, etc. Pero aún más: en el lugar que ocupa el Palazzo Caffarelli veríamos de nuevo, sin tener que demoler este edificio, el templo de Júpiter Capitolino, y no sólo en su forma más reciente, como lo contemplaron los romanos de la época cesárea, sino también en la primitiva, etrusca, ornada con antefijos de terracota. En el emplazamiento actual del Coliseo podríamos admirar, además, la

desaparecida Domus aurea de Nerón; en la Piazza della Rotonda no encontraríamos tan sólo el actual Panteón como Adriano nos lo ha legado, sino también, en el mismo solar, la construcción original de M. Agrippa, y además, en este terreno, la iglesia María sopra Minerva, sin contar el antiguo templo sobre el cual fue edificada. Y bastaría que el observador cambiara la dirección de su mirada o su punto de observación para hacer surgir una u otra de estas visiones.

Para Freud serve como a exemplificação da dificuldade de representação descritiva da vida psíquica.

Se nos preguntará por qué recurrimos precisamente al pasado de una ciudad para compararlo con el pasado anímico. La hipótesis de la conservación total de lo pretérito está supeditada, también en la vida psíquica, a la condición de que el órgano del psiquismo haya quedado intacto, de que sus tejidos no hayan sufrido por traumatismo o inflamación. Pero las influencias destructivas comparables a estos factores patológicos no faltan en la historia de ninguna ciudad, aunque su pasado sea menos agitado que el de Roma, aunque, como Londres, jamás haya sido asolada por un enemigo. Aun la más apacible evolución de una ciudad incluye demoliciones y reconstrucciones que en principio la tornan inadecuada para semejante comparación con un organismo psíquico.

Na nossa concepção, a leitura de Freud apresenta de fato as dificuldades como o autor pretendia, mas é didática não por oposição e sim por semelhança.

Os espaços urbanos modernos possuem inúmeras convivências materiais e imateriais, estruturas visíveis e invisíveis, que apontam para um sentido oculto. A mesma dificuldade de materialização da idéia de inconsciente a encontramos para definir o espaço urbano nas suas múltiplas relações. Dialeticamente nos apropriamos da descrição de Freud para torná-la referência da possibilidade de multiplicidade que a modernidade espacial possibilita. O que é sujo e feio na cidade não o é por vocação. O sintoma atinge o sujeito.

O que queremos apontar com os exemplos é que por trás da matéria concreta na sua especificidade, na sua realidade, há transmissões subjetivas e culturais que emanam do espaço resultante circunscrito e significado pelo invólucro material/arquitetônico/urbano. Este espaço produzido não é neutro, ele possui uma carga histórica e simbólica, uma leitura real e outra da memória, é múltiplo e singular, é uma resultante das consciências, dos pensamentos. Possui um inconsciente? Podemos então nos aproximar a ele com uma semiótica psicanalítica? Descobrir a sua estrutura invisível?